

CAPÍTULO VI – O problema vital de Monteiro Lobato

José Wellington de Souza

Ao longo dos últimos cem anos, Monteiro Lobato foi motivo de discussão e muitos aspectos de sua obra foram objeto de celeuma, especialmente entre a grande mídia. Recentemente, o tema que despertou o interesse midiático foi a possibilidade da existência de conteúdo racista na obra do autor, e mesmo a especulação de que o autor tivesse sido racistas, especialmente depois de 2010, quando se problematizaram certas passagens, consideradas racialmente ofensivas, na obra *Caçadas de Pedrinho*. O interesse por tais discussões, no entanto, não se restringiu ao meio de comunicação de massa, tendo alcançado o campo acadêmico, de maneira que, em pouco tempo, diversos trabalhos acadêmicos tentaram oferecer à questão um veredito final. Entretanto, o problema apresentado pelos jornais e acalentado por braços universitários foi mal formulado e, questões apresentadas pelo senso comum, repetidas à exaustão: Monteiro Lobato foi racista? Ou, dito de outra forma, existe racismo na obra de Lobato?

Tal fenômeno se deu especialmente pelo fato de a discussão ter logo saltado das páginas de jornal e dos debates televisivos para as páginas de artigos acadêmicos e discussões acadêmicas sem ter sido devidamente conceituada de acordo como os preceitos científicos para a constituição de um tema legítimo de pesquisa. A questão tinha obviamente seu valor social, mas não foi constituída enquanto problema de relevância sociológica. O que houve foi o usual contrabando de temas do senso comum para o senso comum douto – o que ocorre quando temas políticos ou de interesse social e político

são sacralizados pelos detentores autorizados a legitimar, de maneira arbitrária, termos que são transformados em conceitos²⁵⁴.

O efeito mais notório de tal processo, no caso que observamos, aparece no artigo escrito por Feres Junior, João Nascimento e Zena Winona Eisenberg²⁵⁵ em que os autores são categóricos ao afirmar a existência não apenas de elementos de cunho racista na obra de Monteiro Lobato, como chegam a declarar que o autor era essencialmente racista. Para justificar tal acusação, os autores se pautam na relação de Lobato com o Movimento Eugenista de São Paulo, assim como com o movimento sanitaria, afirmando que:

Monteiro Lobato era de fato racista. De passagem, não podemos deixar de mencionar que Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943), dados que apenas ilustram sua imagem de adepto fervoroso dos ideais eugênicos de melhoramento da raça, refletidos plenamente em seus textos, privados e públicos.²⁵⁶

Ao tentar comprovar que “Lobato era de fato racista”, os autores do artigo acabam por desprezar a complexidade histórica dos sentidos atribuídos ao termo eugenia, significante do qual transbordam múltiplos significados, especialmente no caso brasileiro, conforme afirma Nancy Stepan, citada pelos autores, mas desprezada na complexidade de seus argumentos. Assim, reduzem o pensamento eugenista a sua vertente Darwiniana-mendeliana, que relacionam ao nazismo, conforme expõem na décima nota de seu artigo:

Eugenia, palavra que em grego significa “bem nascer”, é uma ideologia que tem como base o projeto do melhoramento racial da espécie ou de grupos humanos por meio de seu controle reprodutivo, manipulando características fenotípicas, genéticas e psicológicas para

²⁵⁴ Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007.

²⁵⁵ Eisenberg; Feres Junior; Nascimento, 2013, p. 69-108.

²⁵⁶ Eisenberg; Feres Junior; Nascimento, 2013, p. 82-83.

tal fim. Historicamente influenciada pelo evolucionismo surgido na segunda metade do século XIX, particularmente o darwinismo social, tal ideologia atingiu grande popularidade na Europa e nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, e foi também recebida no Brasil. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, e a derrota do projeto eugenista nazista, perdeu grande parte de seu apelo. Para a história geral dessa doutrina ver Carlson (2001). Para sua recepção no Brasil, ver Stepan (1991).²⁵⁷

Em nossa percepção, no entanto, parece notório que afirmações tais como a de que Monteiro Lobato “era de fato racista”, em seus escritos ou em seu “ser” não são cientificamente plausíveis, não apenas pela falta de uma definição reflexiva, capaz de ultrapassar os termos tomados do senso comum – no presente caso, os termos eugenia e racismo –, mas também por transformá-los em conceitos realmente científicos²⁵⁸, o que denota a incapacidade das ciências humanas em analisar afirmações de tamanha subjetividade e imprecisão. Assim sendo, nos restringiremos aqui a uma análise objetivamente fundamentada a respeito de Monteiro Lobato e sua ligação com o pensamento racialista e eugenista do início do século passado, tomando o devido cuidado de definir o sentido relacional de tais termos quando utilizados por Monteiro Lobato.

Para tanto, observamos de maneira cuidadosa o trabalho de Nancy Stepan sobre raça e eugenia no Brasil das primeiras décadas do século XX antes de tratarmos diretamente de Monteiro Lobato.

1. A construção do pensamento eugenista no Brasil

Usualmente, confere-se a Francis Galton (1822-1911) a paternidade da teoria eugenista, elaborada após sua leitura de *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin, o que o levou a escrever, em 1869, o seu *O gênio hereditário*, no qual pretendia provar que o que chamava de aptidão humana seria produto da hereditariedade

²⁵⁷ Eisenberg; Feres Junior; Nascimento 2013, p. 101.

²⁵⁸ Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007.

garantida pela seleção natural. Segundo Galton, o fato de serem as aptidões humanas genéticas e, portanto, hereditariamente transmissíveis tornava possível melhorar a raça humana – tanto do ponto de vista moral quanto físico – por meio de cruzamentos consecutivos entre os melhores indivíduos da espécie, da mesma maneira que a humanidade fez, e faz, com os animais domesticados, a fim de aprimorar determinadas características²⁵⁹.

Tais considerações – que, para muitos leitores contemporâneos, podem parecer absurdas – pareciam conclusões óbvias para os autores que viveram entre o final do século XIX e o começo do século XX, quando muito pouco se sabia sobre as bases reais que determinavam as diferenças entre os seres humanos, só descobertas após a conclusão das pesquisas de mapeamento do DNA. Por tais razões, precisamos ter em mente que as teorias racialistas produzidas antes do pleno desenvolvimento dos estudos genéticos, por mais exóticas que possam parecer às gerações procedentes, estão fundadas nas relações não apenas sociais, mas também científicas, do tempo em que foram produzidas. Assim como as teorias de Darwin surgiram e ressoaram em uma sociedade recém-tomada pela competição desenfreada entre indivíduos no nascente capitalismo industrial, conforme descrito por Leon Poliakov²⁶⁰, as teorias de Galton se fundaram em uma sociedade de grande competição econômica entre as nações, que internamente enfrentava a existência de grandes grupos de operários famigerados e grupos feministas que, segundo Stepan, desafiavam o *status quo*, o que levou os reformadores sociais contemporâneos a Galton à conclusão de que tudo o que não se adaptava ao sonho do desenvolvimento pleno dos estados nacionais modernos era produto da “degeneração” racial, termo da teoria galtoniana que logo entrou em voga, junto com a certeza de serem “hereditárias muitas das doenças comuns entre os pobres – tuberculose, sífilis, alcoolismo, doenças mentais – [o que] insuflava o medo da decadência social”, e com a crença, por parte de diversos

²⁵⁹ Stepan, 2005.

²⁶⁰ Poliakov, 1974.

pesquisadores, de “que a ‘rápida multiplicação dos inadequados’ era uma ameaça adicional”²⁶¹.

As ideias de Galton logo ganharam reforços quando o biólogo alemão August Weismann defendeu a tese do “plasma germinativo”, segundo a qual uma parte imutável de cada célula transportava material hereditário independente do “somaplasma” que constituía o restante da célula, de forma que as alterações sofridas por elas se davam na parte não germinativa, sendo, portanto, não transmissíveis às novas gerações. Esta teoria se contrapunha à teoria da transmutação, de Jean-Baptiste Lamarck, segundo a qual caracteres adquiridos por indivíduos de uma geração poderiam ser transmitidos a indivíduos da geração seguinte. As afirmações de Weismann, por sua vez, foram amparadas pelas teorias de Gregor Mendel a respeito da estabilidade dos arranjos genéticos, o que parecia corroborar a tese sobre a “inviolabilidade do plasma germinativo”, porção celular portadora do material genético a ser transmitido à prole de cada indivíduo. Em pouco tempo, essa se tornou a tese que ganhou o monopólio no campo científico dos territórios que Nancy Stepan chamou de “saxões” e “germânicos”. A técnica eugênica foi afiliada, na Inglaterra, à legislação de bem-estar social, como forma complementar de conter epidemias e males sociais tidos como problemas de saúde.

De acordo com Stepan, foram motivações sociais, especialmente a miséria e a propagação de doenças, que fizeram com que os intelectuais brasileiros se interessassem pela teoria eugênica como forma de danar as mazelas do Brasil:

(...) em um país de extrema pobreza, social e racialmente estratificado, primordialmente rural, analfabeto e doente, sem qualquer legislação de bem-estar social – como turnos de oito horas diárias, proibição do trabalho infantil, proteção contra o desemprego – que no início do século XX se tornara mais ou menos padrão em muitas partes da Europa.²⁶²

²⁶¹ Stepan, 2005, p. 32.

²⁶² Stepan, 2005, p. 48.

As teorias eugenistas no Brasil foram então compostas de um misto de práticas estratégicas de medicina coletiva e política de bem-estar social, inicialmente contendo germes de um ideário do darwinismo social. De acordo com Stepan:

O darwinismo – que chegou à América Latina nas décadas de 1870 e 1880, proveniente de uma variedade de fontes inglesas, francesas e alemãs, e de forma que frequentemente se diferenciava consideravelmente dos ideais do próprio Darwin – teve bastante ressonância. Os darwinismos sociais assumidos pelos intelectuais e cientistas serviram como “metalinguagens”, fornecendo ricas estruturas polivalentes para a análise da história dos povos latino-americanos e seus destinos. As novas ciências eram particularmente atraentes para a *intelligentsia* liberal, secular e moderna porque representavam abordagens racionais ao mundo social e natural, sem os inconvenientes das considerações religiosas tradicionais. Em consequência, a evolução ficou inicialmente associada com os círculos liberais e radicais, em vez de vincular-se à direita. Mas o evolucionismo, como mais tarde a eugenia, também tinha seu lado obscuro: Prestava-se a formulações racistas, as quais também se incorporaram à bagagem intelectual dos novos círculos científicos.²⁶³

Mas, no caso brasileiro, o darwinismo social ficou restrito ao plano das ideias, tendo o Movimento tomado forma mais tarde, especialmente a partir da ação de Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz foi o responsável por conter uma epidemia de peste bubônica na cidade do Rio de Janeiro em 1899. O sucesso de seu trabalho deu vazão para uma campanha mais ampla, entre 1903 e 1904, direcionada à contenção não apenas da peste bubônica, mas de outras doenças epidêmicas, como varíola e febre amarela. Desse movimento, surgiu um instituto de pesquisa com o nome do médico, o qual mais tarde se tornaria uma “escola de medicina tropical”. Em torno de Oswaldo Cruz, emergiram outros médicos que se dedicavam à causa eugenista, como Carlos Chagas e Artur Neiva. As questões que se apresentavam para os

²⁶³ Stepan, 2005, p. 50.

pesquisadores eram a de como (re)formar a nação de forma a torná-la competitiva frente à divisão internacional do trabalho, o que era um grande desafio, visto que o Brasil, naquele período, era um país pouco desenvolvido, estando ainda em uma condição quase colonial, cuja economia se baseava na produção e exportação de bens agrícolas, com índices de mortalidade infantil que ultrapassavam a porcentagem assustadora de 70% (Idem, p. 52). Além do mais, pesava sobre o Brasil a suspeita da possibilidade de se constituir uma nação nos trópicos e o estigma de uma “bastardia racial”.

Os intelectuais tinham de confrontar o fato de que, texto após texto europeu, o Brasil era considerado exemplo privilegiado da “degeneração” que ocorria em uma nação tropical, racialmente mista. Henry Thomas Burckle, Benjamim Kidd, Georg Vacher de Lapouge, Gustave Le Bon, o conde de Gobineau e vários outros darwinistas sociais citavam suas teorias de inferioridade dos negros, de degeneração dos mulatos e de decadência tropical. Dos Estados Unidos vinha a mesma mensagem.²⁶⁴

Mas, apesar das primeiras ações sanitárias, o programa eugenista no Brasil ganhou seus traços mais sólidos ao final de 1917, quando Renato Kehl, jovem graduado em medicina e farmácia, mobilizou diversos profissionais da área médica para formar, na cidade de São Paulo, uma sociedade científica que discutisse as novas teorias eugênicas. Assim, em 25 de janeiro de 1918, é fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, que, conforme vimos acima, foi a responsável pelo lançamento de *Problema vital*, de Lobato. As reuniões e discussões do grupo giravam em torno das maneiras de combater problemas como doenças sexualmente transmissíveis, alcoolismo, degeneração, fertilidade, tuberculose, entre outros. No entanto, é preciso destacar que, ao contrário das primeiras gerações de intelectuais brasileiros que tiveram contato com teorias sociais darwinistas e mendelianas, a teoria genética dominante no campo médico eugenista, que se iniciava entre 1917 e 1918, não comungava de

²⁶⁴ Stepan, 2005, p. 53.

nenhuma das vertentes anteriores. Ao contrário, era dominada pela teoria neolamarckiana, baseada nos estudos de Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, o Chevalier de Lamarck. Lamarck elaborou a teoria do “transformismo”, segundo a qual características adquiridas por um indivíduo ao longo de sua vida poderiam ser herdadas por seus descendentes. Inicialmente, as teorias lamarckianas não chamaram grande atenção, até que se contrapuseram à teoria de Darwin sobre a luta pela sobrevivência e a seleção natural. Lamarck apresentava uma explicação sobre a evolução por meio de processos de lenta adaptação ao meio ambiente. Como contraposição às teorias Darwinistas, Lamarck se apoiou em autores como Herbert Spencer e Samuel Butlere Bernard Shaw. Mais tarde, as teorias de Lamarck foram retomadas, ainda para combater o darwinismo-mendeliano, não apenas no Brasil, mas também na França. De acordo com Stepan:

Ao longo das primeiras décadas do século passado o lamarckismo e o neolamarckismo continuaram a servir como alternativa teórica à teoria da evolução.

Na França, particularmente, o lamarckismo continuou tendo grande autoridade, não apenas no início do século XX, quando muitos biólogos manifestavam dúvidas sobre o mendelismo e quando a teoria da seleção natural estava em seu ponto mais baixo, mas também ao longo das décadas de 1920 e 1930, e avançando bem na de 1940.²⁶⁵

A influência do pensamento neolamarckiano no Brasil é compreensível uma vez que em toda a América Latina havia uma espécie de monopólio das ciências produzidas pela França, assim como dos costumes e da língua daquele país:

O francês era a segunda língua da elite educada, e muitos trabalhos científicos estrangeiros chegavam à região em tradução francesa. Assim, a biologia francesa era a fonte cultural natural das novas ideias biológico-sociais, fonte esta que se refletia no fato de que os nomes invariavelmente citados pelos latino-americanos eram de autoridades

²⁶⁵ Stepan, 2005, p. 81.

francesas – Adolphe Pinard, Frédéric Houssay, Louis Landouzy, Edmond Perrier, Emile Guyenot, Charles Richet e Eugène Apert. Até a década de 1920, era para a França, se pudessem, que se dirigiam os estudantes latino-americanos de ciências e medicina para sua formação médica e biológica, e era lá que aspiravam ser publicados e reconhecidos.²⁶⁶

Assim, a dominação simbólica do campo cultural francês sobre a literatura e as demais ciências foi uma das grandes responsáveis pela difusão dos argumentos neolamarckianos no Brasil. Outra causa, porém, pode também ter contribuído: o fato de que a teoria neolamarckiana possibilitava o aval político a uma civilização nos trópicos, independente da mestiçagem. Stepan afirma que:

Politicamente, o neolamarckismo também aparecia, com frequência, matizado de expectativas otimistas de que reformas do ambiente social resultassem em melhoramentos permanentes, idéia afinada com a tradição ambientalista-sanitarista que se tornara moda na região.²⁶⁷

De tal forma, a disputa em torno da capacidade do “plasma germinativo” ser ou não alterado por variações ambientais e adaptações dos indivíduos a um determinado ambiente, acabava por definir o caráter eugênico de uma determinada raça, e às condições ambientais, também poderia ser usada como forma de sustentar que a condição de disgenia. Tais condições, tanto de eugenia, quanto de disgênica, adquiridos ao longo da vida do indivíduo e transmitido hereditariamente poderia ser reversível, desde que tomadas as devidas medidas médico-sanitárias.

Dentro dessa perspectiva médica-biológica, na segunda década do século XX na América Latina, doenças sexualmente transmissíveis – como tuberculose – e algumas toxinas – como chumbo e nicotina –, assim como o uso imoderado do álcool eram considerados elementos responsáveis pela deterioração do plasma germinativo e pela

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Stepan, 2005, 82.

degeneração das gerações vindouras – as quais poderiam adquirir essas deteriorações em seu plasma germinativo e transmiti-las a seus filhos. O mais importante de se notar, entretanto, é que Nancy Stepan considera patente a distinção entre a concepção de eugenia dos médicos latino-americanos, a qual se aproximava da perspectiva francesa e, portanto, neolamarckiana, e a concepção de eugenia corrente entre profissionais americanos e alemães.

Para muitos médicos latino-americanos, a eugenia que propugnavam era distinta daquela praticada nos Estados Unidos e na Alemanha. Vários nomes para esta eugenia apresentam-se ao historiador: “eugenia preventiva”, “eugenia social”, “eugenia e medicina social”, “higiene eugênica”. Qualquer que seja o nome tratava-se de uma eugenia que ligava um ambiente sanitário à saúde racial.²⁶⁸

De fato, de acordo com Stepan, a eugenia neolamarckiana, dita “latina” pela autora, diferenciava-se da eugenia weismann-mendeliana, promovida entre o que ela chama de eugenia “germânica” e eugenia “anglo-saxã”. Enquanto a eugenia neolamarckiana “latina” se fundou sobre uma proposta preventiva, que livraria a raça dos chamados venenos raciais, responsáveis por sua deterioração, a eugenia “germânica” e a “anglo-saxã” estavam fundadas em uma perspectiva negativa, predisposta a segregações e esterilizações de raças mestiças e consideradas inferiores. Sobre os “venenos raciais” apontados pelos adeptos da eugenia preventiva, Stepan explica:

(...) “venenos raciais”, um termo que os eugenistas usavam para referir-se a coisas como álcool, nicotina, morfina, doenças venéreas e outras drogas e infecções. Esses venenos eram chamados “raciais” porque, embora os hábitos e doenças fossem geralmente adquiridos pela primeira vez durante a vida de um indivíduo, acreditava-se que levassem a degenerações permanentes, hereditárias que, no longo prazo, poderiam afetar populações ou nações inteiras. Os eugenistas tinham em mente modificações produzidas funcionalmente provocadas, nas palavras de Saleeby, por

²⁶⁸ Stepan, 2005, p. 92.

exemplo, “pela saturação de todo o organismo durante anos com o veneno da sífilis”. A prevenção da “contaminação” sexual era, por conseguinte, uma recomendação social lógica derivada da ciência eugênica.²⁶⁹

A vertente neolamarckiana via nas políticas de eugenia preventiva, como nas de saneamento e higienização, formas legítimas de promover uma política higienista.

Daí, por exemplo, a insistência de Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, em dizer que “*sanear é eugenzar*”. Ele afirmava que saneamento era a mesma coisa do que algumas pessoas chamavam “eugenia”, acrescentando que, apesar de a palavra “eugenia” ser “cientificamente” melhor. Ele próprio fazia a correspondência entre as duas da seguinte maneira: “Saneamento-eugenia é ordem e progresso”.²⁷⁰

Dessa forma, a exemplo do que aconteceu na França, houve no Brasil atuações de organizações em prol do saneamento e da constituição de uma nação “civilizada”. Nesse sentido, Stepan argumenta que:

(...) a eugenia lamarckiana conquistou aliados no movimento em prol do saneamento rural, como Belisário Penna, cuja longa viagem a cavalo, em 1912, entre as populações doentes dos estados do Nordeste brasileiro fez com que encetasse uma cruzada em prol da saúde rural. Como sogro de Kehl, que veio a ser, a adesão de Penna foi extremamente útil e estratégica para a eugenia, permitindo-lhe conquistar o apoio dos higienistas que pensavam como ele. Outros aliados foram recrutados entre as ligas nacionalistas e pró-saneamento que brotaram no Brasil antes e depois da Primeira Guerra Mundial. As relações de seus respectivos membros e os estilos e discursos da Liga Nacionalista de São Paulo e da Sociedade Eugênica de São Paulo tinham consideráveis superposições.²⁷¹

²⁶⁹ Idem.

²⁷⁰ Stepan, 2005, p. 93, destaques nossos.

²⁷¹ Stepan, 2005, p. 98.

Por fim, é preciso salientar que as relações entre a *Liga Nacionalista de São Paulo* e a *Sociedade Eugênica de São Paulo* tinham como pilar, entre outros fatores, a similaridade entre o processo de reforma nacional e a concepção de raça para os neolamarckianos, já que “até a promoção de esportes e boa condição física podia ser considerada eugênica porque ‘aprimorava a raça’”²⁷². Definitivamente, nesse caso, aprimorar a raça não significava “branqueá-la”, como supuseram autores como Thomas E. Skidmore. E se houve tal intenção entre um ou outro eugenista, a chamada “tese do branqueamento” não monopolizou o pensamento social no Brasil, no que se refere à “questão racial”, ao contrário do que normalmente se supõe²⁷³.

2. Monteiro Lobato e os sanitaristas.

A aproximação com os movimentos Eugenista e Sanitarista, levou Monteiro Lobato a publicar diversos artigos em defesa da campanha sanitarista, resultando na edição desses artigos sob a forma do livro *Problema vital*, de 1918, custeada pela Sociedade Eugênica de São Paulo. Em *Problema vital*, também estava incluso o artigo “Jeca Tatu: a ressurreição”, que mais tarde, a partir de 1924, passou a ser distribuído gratuitamente sob a forma do folheto “Jeca Tatuzinho” pelo laboratório Fontoura. Em “Jeca Tatu: a ressurreição”, o caipira aparece como vítima de infindáveis doenças tropicais passíveis de serem remediadas pelas práticas de higiene. É nessa fase que Lobato se aproxima dos sanitaristas Renato Kehl (1889- 1974) e Belisário Penna (1868-1939), que lhe apresentaram o cientificismo sanitarista, do qual o autor se tornou uma espécie de “porta-voz”.

Nesse período da vida literária de Lobato, houve um deslocamento do polo da literatura como arte pura para uma arte de cunho político e apoloético. *Problema vital*, em sua edição de *Obras Completas de Monteiro Lobato*, apresenta uma nota de esclarecimento

²⁷² Stepan, p. 99.

²⁷³ Skidmore, 1976, p. 81-94.

que nos ajuda a pensar sobre a profundidade das relações de interação entre o campo literário e o campo médico-científico. A nota diz:

A 1ª edição deste livro é de 1918 e trazia o seguinte esclarecimento: Artigos publicados n^o “O Estado de São Paulo”, e enfaixados em volume por decisão da “Sociedade de Eugenia de S. Paulo” e da “Liga Pró-Saneamento do Brasil”²⁷⁴.

A adesão de Monteiro Lobato à causa Eugenista, termo que no contexto funcionava como sinônimo de higienismo ou sanitarismo, e a produção dos textos que compuseram *Problema vital* coincidem com a época em que Lobato havia se tornado editor em São Paulo, o que talvez possa explicar, ao menos em parte, a mudança ocorrida na definição que Lobato passa a fazer do Jeca Tatu, que passa a ser percebido como resultado de uma nação abandonada por seus governantes e entregue às doenças e verminoses. Isso se deu graças às transformações na vida de Lobato, que havia deixado de ser fazendeiro de uma propriedade decadente, espécie de profeta que sozinho denunciava pelos desertos da Serra da Mantiqueira as mazelas do caboclo pobre, e tinha se tornado editor de uma grande revista, o que lhe possibilitava agir de forma ativa nas questões que lhe eram caras e dignas de consideração e que lhe pareciam essenciais para o desenvolvimento do Brasil.

Dessa maneira, ao filiar-se ao movimento eugenista-sanitarista, Lobato se filia a um movimento médico-político que também tinha no homem pobre do campo seu objeto de interesse máximo. Levado a cabo por médicos empenhados em uma campanha que visava o controle de doenças que, segundo acreditavam, incapacitava o homem brasileiro de fazer do Brasil uma grande nação, o movimento Sanitarista era o grande projeto de reforma política na Primeira República.

Entre os dois movimentos, o Sanitarista e o Literário, houve no Brasil uma espécie de congruência, uma vez que as condições

²⁷⁴ Lobato, 1968, vol. I, p. 221.

precárias dos homens do sertão eram antes objeto da literatura, especialmente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, até se tornarem preocupação dos médicos sanitaristas, principalmente após a expedição exploratória de Miguel Pereira e Belisário Pena. Os médicos buscavam dados sobre as condições sanitárias no país, tendo os resultados publicados em jornais e, mais tarde, encadernados no livro *Saneamento do Brasil* (1918), sob forma literária, onde apontava para o que se podia considerar como sendo o “problema do Brasil”. Tal diagnóstico ressoava pelas vozes de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Álvaro Osório de Almeida, Belisário Penna e Arthur Neiva, alguns dos homens mais relevantes para a República²⁷⁵.

O contato entre Lobato e os sanitaristas era tal que foi Arthur Neiva (1880-1943) quem sugeriu o título do primeiro livro de Lobato, *Urupês*²⁷⁶. Neiva era médico e sanitarista, discípulo de Oswaldo Cruz e Adolpho Lutz. Chefiou, em 1912, uma expedição ao interior da região Nordeste e Centro-oeste do Brasil. Arthur Neiva também foi inspetor da campanha de saneamento do estado de São Paulo, tendo sido, por algumas vezes, acompanhado por Lobato²⁷⁷. Anos depois, foi diretor do Instituto Biológico de São Paulo, de 1927 a 1931, e interventor do governo de Getúlio Vargas na Bahia em 1931. Um pouco mais tarde, foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte da Bahia, cargo que ocupou até a dissolução do Congresso por Getúlio Vargas, em 1937²⁷⁸.

Lobato também travou contato com Belisário Penna (1890-1939), médico que trabalhou na Inspetoria de Profilaxia Rural da Febre Amarela, sob o comando de Oswaldo Cruz, com a missão de erradicar a doença no Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou no combate a endemias rurais, como as apresentadas em *Problema vital*. No ano de 1914, foi inspetor sanitário no Rio de Janeiro, responsável pela instalação do primeiro Posto de Profilaxia Rural do país, no subúrbio carioca. Por meio do jornal *Correio da Manhã*, iniciou uma campanha

²⁷⁵ Stepan, 2005.

²⁷⁶ Passiani, 2003, p. 130.

²⁷⁷ Cavalheiro, 1962, vol. 2, p. 188-189.

²⁷⁸ Museu Nacional, 2008, p. 23-24.

pelo saneamento físico e moral do país. Em 1918, após a publicação de *Saneamento do Brasil*, tornou-se diretor do Serviço de Profilaxia Rural e presidiu a Liga Pró-Saneamento do Brasil. De 1920 a 1922, dirigiu o setor de Saneamento e Profilaxia Rural do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). No ano de 1928, Belisário Penna chefiou o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária e, em 1930, voltou a dirigir o DNSP. Entre setembro de 1931 e dezembro de 1932, ocupou interinamente o Ministério de Educação e Saúde.

Mas Lobato parece ter tido maiores contatos e “afinidades” com o médico sanitarista Renato Kehl, que, após clinicar em São Paulo por alguns anos, aproximou-se do Movimento Sanitarista e da eugenia. Fundou, em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Foi inspetor sanitário rural do DNSP e organizou o Serviço de Educação Sanitária ligado à Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas. Kehl também trabalhou como inspetor sanitário rural no Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural do DNSP, entre os anos de 1919 e 1922, assumindo depois o cargo no Serviço de Educação e Propaganda Sanitária, de 1923 a 1924. Mais tarde, trabalhou como diretor da empresa Bayer. Paralelamente a essas atividades, escreveu diversos boletins, livros e panfletos, nos quais divulgava e discutia os princípios da eugenia.

Em termos literário, as categorias de percepção apontam para a concepção de uma posição de homologia temática entre a personagem Jeca Tatu e os doentes de Belisário Penna. Tomemos um trecho crucial de *Problema vital*, no qual Lobato apresenta o ponto alto de sua questão ao tratar da infestação de barbeiros (*triatoma megista*) no sertão, citando a experiência de campo de Belisário Penna:

Vivendo às centenas em cada casebre, ninguém lhes escapa à sanha. Belisário Pena conta que certa vez apanhou em fragrante delito de sucção, no corpo de uma pobre criança de quatro anos, dezesseis ninfas, taludas como baratas descascadas, e oito barbeiros adultos, além de mais de cinco que, fartos, já se aprestavam pesadamente para voltar ao esconderijo (...)

Ora acontece que nos intestinos deste asqueroso bicho o Tripanosoma cruzi, parasito da moléstia de Chagas, vive, evolue e prolifera; e dali, através da tropa sugadora, passa-se ao corpo humano no momento da picada.²⁷⁹

Lobato assumiu a perspectiva racialista em termos neolamarckianos²⁸⁰, uma vez que considerava ser o dano causado pela doença de Chagas e outras moléstias que corroíam o indivíduo o que tornava disgênica a população rural do Brasil, e explicava “porque e como dos Fernões Dias Pais Leme de outrora, terríveis varões enfibrados de aço, ressurgiu uma geração aventada, anemiada, feia e incapaz. Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesmas de Jeca Tatu”²⁸¹. Daí a epígrafe onde Lobato escreve a já famosa citação: “O Jeca não é assim: *está* assim”. Essas duas informações – a de que o livro foi lançado sob os auspícios da *Sociedade de Eugenia de São Paulo* e da *Liga Pró-Saneamento do Brasil* e a de que Lobato considerava pertinente abrir o livro afirmando que a condição do “Jeca” era transitória e não definitiva – podem ser a chave para entendermos a chamada “conversão” de Lobato ao Movimento Sanitarista. O uso dos verbos “ser” e “estar”, em itálico na própria edição de Lobato, parece demonstrar a ideia de transformação da condição do Jeca para um processo de descontinuidade. O ser do Jeca, descrito tanto em *Urupês* quanto em *Velha Praga* como indolente e avesso ao trabalho (condição que em *Urupês* era descrita por Lobato como social e econômica), perde sua condição estática para ganhar uma condição móvel definida por uma determinação racial neolamarckiana.

²⁷⁹ Lobato, 1968, p. 239-240.

²⁸⁰ Teoria biológica derivada da teoria lamarkiana, o neolamarckianismo considera a possibilidade de que caracteres adquiridos ao longo da vida pelos progenitores possam ser transmitidos para os herdeiros. Nessa perspectiva, nutrir e curar uma raça adoentada pode favorecer o fortalecimento de seus descendentes, melhorando assim a raça. Diferente do darwinismo social, o neolamarckismo defende a possibilidade de aprimoramento de uma raça humana via métodos sanitários.

²⁸¹ Lobato, 1968, p. 305-306.

3. Jeca Tatu e o “problema vital”

Após afirmar o estado transitório do Jeca, o primeiro artigo do livro é *A ação de Osvaldo Cruz*, que na primeira edição foi apresentado como *Saneamento no Brasil: A ação de Osvaldo Cruz*. Lobato critica o ufanismo ingênuo da elite brasileira pautado na “tríplice miragem”, que teria como alicerces as seguintes afirmações: a de que “somos um dos povos mais inteligentes e sensatos do Mundo”, de autoria de Alberto Torres, e as repetidas pelo senso comum, tais como “Somos o país mais rico do mundo” e “O Brasil é o único país que, além do Japão, jamais foi vencido em uma guerra...”²⁸². Após essas pontuações, Lobato restringe o alvo ao campo literário e aos poetas responsáveis por apregoar as maravilhas da terra materna, fazendo críticas muito parecidas às feitas contra o escritor romântico que descrevia o Brasil de forma idílica e desprovida de realismo, conforme o fizeram, segundo a crítica Lobatiana:

Cardumes de poetas menores – desses para quem em sua republica Platão Legislava: *Coroai-os de rosas e expulsai-os* – por sua vez puseram em verso a grande ilusão, de modo a perpetua-la pela mnemônica da rima e do metrona cabeça fraca do povo.²⁸³

Os comentários de Lobato sobre a literatura ufanista não se restringem a essa passagem. Adiante, o autor comenta as supostas maravilhas de nossa pátria sob os prismas literários ufanistas:

Riqueza. Te-la no seio da terra, no azoto do ar, nas essencias florestais, na literatura côr de rosa e não te-la sonante no bolso, é ser nabado á moda do chinês em transe megalomaniaco de sonho d’opio. A noção economica de riqueza, desde Adam Smith, é um pouquinho diversa – a mesma diversidade que vai da *palavra* libra-esterlina á *rodelinha* amarela chamada libra-esterlina.²⁸⁴

²⁸² Lobato, 1968 [1918], p. 223.

²⁸³ Lobato, 1968, p. 224.

²⁸⁴ Lobato, 1968, p. 225.

Depois disso, Lobato aponta, no mesmo artigo, a nomeação de Osvaldo Cruz para chefe da higiene no Rio de Janeiro como marco para a reconstrução do Brasil. Com ele, teria vindo para o país a ciência moderna de Pasteur e da microbiologia. Com ela, a higiene. Sem pudores, Lobato elogia a ação dos cientistas sediados em Manguinhos (Belisário Pena, Carlos Chagas e Arthur Neiva) e a revolução do microscópio, o qual poderia livrar o Brasil de suas mazelas. Por fim, apresenta o livro de Belisário Pena, *O Saneamento do Brasil*, como marco denunciador de um Brasil esquecido:

(...) voz de sábio que escarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80 por cento, e grito de indignação dum homem de bem contra a fúria organizada em sistema político que roi com fúria acarina o pobre organismo inânime.²⁸⁵

O artigo seguinte é intitulado *Dezessete milhões de opilados*. Segundo os dados apresentados no texto, de uma população de 25 milhões de habitantes no Brasil, 17 milhões sofriam de ancilostomose. Lobato explica superficialmente (em um texto claramente direcionado para leigos) as características fisiológicas e reprodutivas dos vermes causadores do popularmente chamado “mal da terra” ou amarelo. Depois de descrever o verme e sua ação, compara-o (em um breve adendo) a um parasita que se acosta em ócio ao Estado, para sorver o *sangue-dinheiro elaborado pelas classes produtoras*²⁸⁶. Descreve os efeitos maléficos do verme no organismo, da anemia, do prejuízo sobre o “tonus vital”, a inclinação “ao vício da cachaça, lenitivo a que recorre para combater a permanente sensação de frio que o desequilíbrio sanguíneo acarreta”²⁸⁷, e continua seu texto apresentando a gravidade do problema:

²⁸⁵ Lobato, 1968, p. 229.

²⁸⁶ Lobato, 1968 [1918], p. 232.

²⁸⁷ Lobato, 1968, p. 223.

Mas se ficasse nisso...

A inteligência do amarelado atrofia-se, e a triste criatura vira um soturno urupê humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso.

Retrato de nosso caboclo quem o dá perfeito, com fidelidade fotografica, é o medico ao desenhar o quadro clinico do ascilostomado. Tudo mais é mentira, retórica, verso. Esses heróicos sertanejos, fortes e generosos, evolução literária dos índios plutarquicos de Alencar; essa caipirinha arisca, faces cor de jambo, pés lepidos de veada, carne dura de pêssego: licenças bucólicas de poetas jamais saídos das cidades grandes.²⁸⁸

Nesse ponto, Lobato faz um curioso jogo duplo. Insiste em criticar os quadros dominantes do campo literário brasileiro, com seus heroicos sertanejos, ao mesmo tempo em que priva seu Jeca, custosamente elaborado em *Urupês*, de sua condição criatural, de toda a profundidade, reduzindo o drama do caboclo ao drama do doente, reestruturando-o sob o signo do sertanejo opilado. Todo o universo que Monteiro Lobato tentara antes demonstrar e sistematizar acaba por ser contraído na condição orgânica, visível apenas por microscópios. A partir daí, o médico é quem dá a melhor descrição do quadro do Jeca. Lobato questiona: para que serviria a revisão constitucional, o voto feminino, o serviço militar obrigatório ou as reformas parlamentaristas, soluções tão apregoadas para o Brasil, se a solução definitiva era travada em fantásticos combates micro-orgânicos?

A argumentação segue no artigo *Tres Milhões de Idiotas*, que trata do “barbeiro” ou *triatoma megistas*, transmissor do *Tripanossomo cruzi*, responsável pela moléstia de Chagas, devastadora de vidas. Nas palavras de Lobato, “Crianças desanimadas em massa – e felizes das que morrem; se vingam as crianças doentes crescem e dão de si um rastolho de humano de sórdido aspecto, ‘que atenta, diz Chagas, contra a beleza da vida e a harmonia das coisas’”²⁸⁹. Lobato aponta a situação, esnobada pelo arremedo de *Belle Époque* no qual vivia a elite

²⁸⁸ Lobato, 1968, p. 234.

²⁸⁹ Lobato, 1968, p. 241.

litorânea, denunciando a situação “real” dos sertões. E mais, denuncia as autoridades e a literatura:

No entanto, as autoridades não movem passo; os literatos das capitais bizantinizam sobre a colocação dos pronomes e outras maravilhas; poetas a granel gastam todas as reservas fosfóricas na metrificacão de umas maguas de mentira e de uns amorezinhos de esquina; estetas de olhos ferrados na França auscultam o pulsar do coração latino para pra fisgar de primeira mão a “nova corrente em via de substituir o parnasianismo”, políticos armam e desarmam casos, requerem hábeas-corpus, eructando com grande riqueza de RR roçante a avariada palavra Republica.²⁹⁰

Em seguida, trata da questão da imigração, considerada por Skidmore²⁹¹ como ponto de concórdia entre os intelectuais brasileiros. Lobato, entretanto, apresenta a imigração, na melhor das hipóteses, como solução provisória a ser superada pela higiene, já que a falta de trabalhadores aptos é tida por ele como produto de infecções parasitárias, que desconhecem fronteiras raciais. O problema não está na falta de pessoas para o trabalho, mas na pouca saúde dessas pessoas:

É que os braços estão aleijados.
Há-os de sobra, mas ineficientes, de músculos roídos pela infecção parasitaria. O que obriga a lavoura ao ônus indireto de importar músculos europeus, ou chineses, ou japoneses - o que haja, contanto que seja carne sadia e não fibras em decomposição.
Entretanto, a solução definitiva do problema eterno da lavoura quem a dará é a higiene.²⁹²

Por fim, Lobato conclui que, mais do que qualquer outra coisa, é preciso sanear o Brasil. No artigo subsequente, é apresentada a última doença a devastar o país: *Dez milhões de impaludados*.

²⁹⁰ Lobato, 1968, p. 242.

²⁹¹ Skidmore, 1976, p. 154-162.

²⁹² Lobato, 1968, p. 242-243.

O Brasil é o país mais rico do mundo, diz com entono o Pangloss indígena. Em parasitos hematófagos transmissores de molestias letais – conclui Manquinhos.
E é. Não bastasse o anciolostomo. Não bastava o barbeiro. Vem completar a trindade infernal a anafelina, mosquito que veicula o hematozoario de Laveran, pai da Malária.²⁹³

Como nos outros artigos, o autor apresenta de forma simplificada os modos de transmissão da doença transmitida pelo mosquito anafelina e suas consequências ao atingir o fígado e o baço da vítima, tornando-a anêmica e levando-a, por fim, à morte. Lobato apresenta a quinina como tratamento possível para impaludismo. Mas, diante das possibilidades de insucesso do tratamento, sugere a necessidade de se manter um certo descampado entre a morada do sertanejo e a mata. Nas cidades, o recomendado seria o isolamento dos doentes, de forma que o mosquito não se tornasse maleitoso ao picar um indivíduo contaminado, espalhando a doença. Lobato pretende, na mais fiel herança da geração de 1870, enxergar um país que se recusa a “enxergar-se”:

As sociedades recreativas discutem qual foi o maior – César, Alexandre ou Foch.
A leishmaniose ulcera horripilantemente a cara de milheiros de irmãos miseráveis?
Nós debatemos a colocação de pronomes.
A lepra campeia avassaladora, encarçando as carnes e putrefazendo em vida centenas de indivíduos?
Nós cantamos rag-times patrióticos.
Legiões de criancinhas morrem como bichos, de fome e de verminose?
Nós abrimos subscrições para restaurar bibliotecas belgas.
A mulher do campo mumifica-se de miseria aos vinte anos?
As damas da cidade five-ó-clocktizam em francês nos trianons e nas Caves, mostrando umas às outras fotografias dos poilus de que são madrinhas.²⁹⁴

²⁹³ Lobato, 1968, p. 247.

²⁹⁴ Lobato, 1968, p. 252.

E continua a apontar as mazelas do país:

A sífilis é combatida nas cidades pela medicação específica que lhe atalha o passo ou minora os efeitos; mas no sertão, nesse maravilhoso sertão preluzido na mioleira dos poetas com um eden embalsamado de manacás, quem lida com ela é o negro velho ignorantíssimo, e o pica-fumo “curador”. O treponema pálido, afeito a lutar contra o mercurio e os arsenicais terríveis, ri-se das micagens e rezas, burundangas e picumãs e jasmims-de-cachorro dos ingênuos Eusebios Macarios de barba rala. Ri-se, e em vez de paradeiro encontra fomento na absoluta inocuidade da terapeutica pé-no-chão. A sífilis, difunde-se, portanto, assustadoramente, sem peias, sem cura, sem prevenção possível, arrazando o presente e sacrificando o porvir.²⁹⁵

Repetidamente, Lobato critica a posição da elite brasileira, especialmente por parte dos literatos ufanistas que retratam o Brasil como um paraíso nos trópicos. Assim, parte para um argumento que será central para o nosso entendimento de sua concepção de raça, a qual se dá a partir de seu contato com os sanitaristas. Diz o autor:

Em todos os países do mundo as populações rurais constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, torrados de sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua rubustez e saúde, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos étnicos. Pela capacidade de trabalho mantêm eles sempre elevado o nível da produção econômica; pela saúde física, matem em alta o índice biológico da raça, pois é com o sangue e o músculo forte do camponês que os centros urbanos retemperam sua vitalidade. O urbanismo é um mal nocivo á espécie humana (...). A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmembramento das cidades. É possível entre nós pedir á roça o sangue revitalizador? Não.

²⁹⁵ Lobato, 1968, p. 253.

O elemento rural é pior do que o urbano. As nossas cidades se vêem forçadas a importar sangue de fora, se querem escapar ao marasmo duma senectude extemporânea.²⁹⁶

Não se pode pedir da roça sangue revitalizador, e isso não se deve a questões raciais no sentido mendeliano do termo. Nas zonas rurais, “os homens minguem de corpos, as mulheres são um rastolho raquítico incapaz de bem desempenhar sua missão reprodutora”²⁹⁷. Mas Lobato não aponta a multiplicidade racial como a responsável pela condição deplorável do povo brasileiro. Os trechos que seguem ao apresentado acima nos indicam outros caminhos:

O quinto país do mundo em tamanho a cair aos pedaços, de verminosa lazeira, vendo, ao norte, o maravilhoso surto americano, e ao sul, a pujante floração argentina. E para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brásílico, com a consciencia de que desmedrou arrastado por males evitáveis e de facil cura. Males de que todos os países de mesologia semelhante se libertaram pela profilatica inteligência, com lentidão uns, com rapidez fulgurante outros.

Aí está Cuba, a pobre ilha degradada em rápida consumpção por molestias irmãs as nossas e que em poucos anos, ao influxo da higiene norte-americana, virou a maravilha que todos sabemos.²⁹⁸

Higiene e sanitarismo são, portanto, o eixo que coordena os textos escritos por Lobato nesse período, assim como são a solução para uma raça (no singular) corroída pela fome e pelos vermes. Mas, o que o autor quis dizer com “índice biológico da raça”²⁹⁹, citado páginas acima? O uso do termo seria pura impropriedade, já que não se trata aqui (e todos os pesquisadores do assunto hão de convir) de discutir mestiçagens, mas sim doenças tropicais e uso de técnicas de higiene para impedi-las. A discussão prossegue em *Reflexos morais*, iniciado

²⁹⁶ Lobato, 1968 [1918], p. 255.

²⁹⁷ Lobato, 1968, p. 256.

²⁹⁸ Lobato, 1968, p. 257.

²⁹⁹ Lobato, 1968, p. 255.

com a seguinte afirmação: “No corpo são a mente é sã. Este conceito acarreta recíproca verdadeira: em corpo doente, impossível um espírito são”³⁰⁰. Depois, conclui: “A sùmula desses conceitos converge nesta idéia sintética: Falimos como povo, como raça – e falimos moral, intelectual e fisicamente”³⁰¹. Como organizar essas ideias? Como relacioná-las? Lobato começa a tratar da saúde do corpo e das implicações negativas da falta de saúde física, abordando também a saúde do “espírito”, que só seria saudável em corpo saudável. Como pode, sem se contradizer, acabar falando em nossa “raça”? Como pode atribuir a questões fisiológicas questões que seriam claramente de cunho moral ou cultural? Lobato esclarece:

Este doloroso estado de alma que é senão o reflexo depressivo das mazelas fisiológicas em roaz evolução no organismo de nossa gente?

Otimismo, fé, crença, confiança em si e dignidade, amor, firmeza de animo, vontade enérgica: outras tantas resultantes lógicas da boa circulação do sangue, das glandulas em normalidade de funcionamento, dos pulmões sadios bem oxigenizados de ar puro.

Pessimismo, desanimo, descrença, desamor: sintomas de que o animal está com o ritmo da vida rompido por graves lesões orgânicas.

Assim todos os males, morais, econômicos e políticos, vão enclavilhar raízes na desmedrança fisiológica da população empolgada pelas endemias avassaladoras.

Nota-se nas consciências puras uma revolta geral contra a degradação política do regime republicano – mas cifra-se a revolta num murmúrio medroso e encapotado.³⁰²

Dessa forma, podemos considerar que “o índice biológico da raça” está ligado à saúde física, livre de parasitas, da raça ou do povo, já que a raça acaba por ser determinada pelos limites do Estado Nacional. Lobato compara um país a um organismo vivo – analogia não muito inédita, é verdade –, a um animal de roça tomado por parasitas, sem

³⁰⁰ Lobato, 1968, p. 259.

³⁰¹ Idem.

³⁰² Lobato, 1968, p. 260.

forças para reagir, que depois da intervenção do veterinário tem recompostas as forças e se reestabelece. Ao mesmo tempo, compara os parasitas orgânicos aos parasitas políticos:

Com os países acontece o mesmo. Se caem marasmados pela doença e não podem reagir contra a fauna de ácaros sociais que os parasitam, se não tem forças para o espojar-se das revoluções, acabarão ás moscas, devorados como o cavalo de Tolentino.

Quereis remendar um país assim? restaurar-lhe as finanças, dar-lhe independencia econômica? implantar a justiça? intensificar a produção? criar o civismo? Restabelecer a vida mora?

Restaurai a saúde do povo.

Curai-o, e todos os bens virão ao seu tempo pela natural reação do organismo vitalizado.³⁰³

Entretanto, Lobato sugere que a cura deva ser feita à força. Novos elementos surgem dessa leitura sobre a constituição dos homens e das nações, o que distancia o autor dos contos que compõem *Urupês*. Inegavelmente, a condição humana passa a ser reduzida à problemática da existência orgânica, fisiológica. Perdeu-se, assim, o drama do homem arruinado pelo destino ou pelas conjunturas sociais. O drama dos Nunes (*A vingança da peroba*), por só terem “filhas mulheres” e, assim, não poderem competir com seus vizinhos na produção de alimentos e nas condições de produção e reprodução da vida, não é mais tomado como relevante nessa nova fase literária de Lobato. O mesmo acontece em relação às descrições sobre as impossibilidades de produção dos Alvoradas (*A Colcha de Retalhos*), nas quais um homem só vê a família desestruturar-se frente à impossibilidade de trabalhar a roça, sendo todos tomados pela *tapera* econômica e moral. Ambos os casos apresentados nos contos perdem seu valor e lugar no novo universo lobatiano. A partir desse momento, o indivíduo se funde à nação e a nação se confunde com a raça, definida como a saúde fisiológica da média dos indivíduos. O próprio Lobato faz uso do “mata-pau” em seu conto *O Mata-pau* para

³⁰³ Lobato, 1968, p. 264.

exemplificar as capacidades constritoras dos parasitas microscópicos sobre os “organismos” nacionais:

– “Mata-pau, não me mates”, dizia a peroba ao gameleiro constritor.

– “E por que, perobinha amiga, te não hei de matar?” respondeu o fascinora vegetal.

– “Porque também tenho direito á vida”, gemeu a suplicante.

O mata-pau, sujeito lido em Darwin, retrucou sentenciosamente:

– “ Só tem direito á vida quem não mente ás leis naturais, quem se defende, quem luta. Se és inerte e não esboças gesto de defesa contra mim, por que hei de privar-me de crescer e prosperar á tua custa? Impede-me de estrangularte, se podes; do contrario, resignate.”

Nesta replica esta a norma de reação do país contra o ancilostomo, contra o tripanosoma, contra o protozoário de Laveran, contra o treponema palido, contra o bacilo de Hansen, contra a leishmania tropical e, sobretudo, contra o acaro politico.³⁰⁴

Dessa forma, o autor abandonou o realismo moderno³⁰⁵ por um tipo de escrita que, embora pautado em estilo literário, tinha por propósito divulgar e promover soluções científicas para problemas políticos. Mas a introdução no texto de um mata-pau, “sujeito lido em Darwin”, significa que os discursos de cunho biologicista ou cientificista, que passaram a dar o tom aos escritos lobatianos a partir de 1918, estavam fundados sobre as bases do pensamento racialista, com “ilações óbvias sobre o caráter inato do caboclo”³⁰⁶, conforme já foi considerado? Em artigos apresentados no livro *Problema vital*, algumas pistas sobre o conteúdo biologicista presentes na argumentação de Lobato aparecem de forma mais evidente. No texto intitulado “Início de Ação”, Lobato cita *Le Bon* como “a voz mais alta de biologia”³⁰⁷. Nesse artigo, o autor defende ardorosamente o

³⁰⁴ Lobato, 1968, p. 265.

³⁰⁵ Auerbach, 2009.

³⁰⁶ Skidmore, 1976, p. 200.

³⁰⁷ Lobato, 1968, p. 298.

movimento dos sanitaristas e a necessidade do saneamento que já havia, inclusive, comovido “o coração duro de Rockefeller!”³⁰⁸, devido aos flagelos e ao grande número de doentes. Lobato esclarece o problema sanitário-racial por meio de uma perspectiva biológico-racial inegavelmente neolamarckiana ao tratar dos efeitos da degenerescência causada pelos vermes ao longo da vida dos indivíduos e a transmissão hereditária de tal degenerescência às gerações subsequentes:

Imagine-se agora que a ação desses parasitas é ininterrupta, começa na infância e prolonga-se até á morte.

As lesões que eles praticam nas paredes intestinais, ulcerando-as, funcionam como outras tantas portas abertas ao livre transito das toxinas.

O pai dessa pobre criatura já foi um bichado, como o foi o avô e o bisavô. Deles recebeu ela uma vitalidade menor, uma tonicidade orgânica decaída, um indice de defesa natural. E por sua vez transmitirá ao filho a má herança acrescida funestamente da sua contribuição pessoal de degenerescencia, consecutiva á continuação do trabalho do verme em seu organismo.

Isto explica porque e como dos Fernões Dias Pais Leme de outrora, terríveis varões enfiados de aço, ressurgiu uma geração aventada, anemiada, feia e incapaz.

Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitida de pais a filhos e agravado dia a dia.

Examinando-lhe o sangue, assombra a pobreza em hemoglobinas: não é mais sangue o que lhes corre nas veias, senão um aguado soro. E nessa suja, para remate dos males, ainda vem aboletar-se o protozoário da malária...³⁰⁹

Ao que tudo indica, desde sua carta a Tito Lívio Brasil, datada de 1905, em que afirma que nossa raça (regida por leis da natureza que a fazem transmitir caracteres morais aos seus descendentes) só será salva pela introdução do sangue italiano ou alemão, esse é o momento em que Lobato trata do tema raça de forma clara e lúcida. Nos textos que constituem *Urupês*, há a monopolização da problematização

³⁰⁸ Lobato, 1968, p. 305.

³⁰⁹ Lobato, 1968, p. 305-306, destaques nossos.

sociológica, e a menção ao termo “sub-raça” não aparece nos contos, com exceção do artigo *Urupês*. A referência à raça que aparece neste artigo é obscura e parece ser oriunda das concepções de Euclides da Cunha e suas discussões sobre as raças e sub-raças formadoras do homem brasileiro. Relembrando a passagem presente no artigo *Urupês*:

Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras de nossa nacionalidade e metida entre o estrangeiro recente e o aborigene de tabuinha no beicho, uma existe a vegetar de cocoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.³¹⁰

Nos textos de *Problema vital*, entretanto, a definição de raça é explícita, e o argumento é totalmente outro. A degenerescência em questão se trata da degeneração da raça em sua totalidade, e não das sub-raças substancialmente deterioradas pela mestiçagem. A raça dos grandes desbravadores bandeirantes é, segundo Lobato, a mesma do Jeca Tatu, apenas deteriorada pela doença e pelas verminoses. Concepção bem diferente dessa nova definição de raça, na qual a degenerescência racial se dá a partir da transmissão hereditária de tonicidade e vitalidade insuficientes – de um “bisavô bichado” para um “avô bichado” e assim sucessivamente –, devido às infecções parasitárias, somada à própria degenerescência do indivíduo. Essa era a nova forma de se entender raça, incorporada a (ou corporificada em) Lobato pelo Movimento Sanitarista-eugenista. “Não é a raça”, no sentido darwinista ou mendeliano, a responsável pela decadente condição física e mental do indivíduo; mas é a raça no sentido de características assimiladas e legadas aos descendentes, ou seja, a raça no sentido neolamarckiano do termo. Essa constatação não é inédita. Já em 1991, em seu *The hour of Eugenics: race, gender and nation in Latin America*, Stepan escrevia sobre o pensamento racial nas nações latinas, especialmente no Brasil. Ela é clara quanto à vertente teórica que inspirava os sanitaristas:

³¹⁰ Lobato, 1951, p. 243.

Iniciei minhas pesquisas pela eugenia no Brasil. Descobri ali muito da eugenia, em suas ciências e em seu estilo social, que parecia incomum. Primeiro os eugenistas brasileiros baseavam sua eugenia não na concepção mendeliana da genética, a estrutura dominante na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Alemanha, mas em uma corrente alternativa de noções neolamarckianas de hereditariedade. Esse estilo de eugenia refletia conexões científicas de longa data com a França, bem como fatores mais locais de cultura política; ajudava também a estruturar os debates sobre degeneração e determinava como a nova genética e as ciências do saneamento interagiam de forma inovadora na “eugenia”.³¹¹

Decerto, a concepção neolamarckiana difundida no Brasil por meio da ascendência francesa (que se deu tanto no campo científico biologicista quanto nas letras e na sociologia) possibilitou o surgimento de um Movimento Sanitarista que proporcionasse redimir as raças esquecidas no sertão. Segundo as teorias biológicas francesas, não estava o Brasil fadado à extinção enquanto povo e nação pela maldição da miscigenação entre os povos. O que corroía a capacidade criadora do brasileiro não era o sangue misturado, mas o sangue contaminado pelas verminoses e parasitoses, cujas marcas no corpo humano se tornavam definitivas, e, mais do que isso, passíveis de serem deixadas como herança nefasta às novas gerações. Esse mal se combatia com a higiene. A genética neolamarckiana tornava viável a defesa de uma civilização nos trópicos e abria caminho para o elogio à adaptação racial dos homens ao ambiente, como mais tarde fez Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados & Mucambos* (1936).

O último texto que compõe *Problema vital* é “Jeca Tatu: a ressurreição”, o qual, como o título sugere, demonstra a possibilidade de “ressurreição” do Jeca (e, assim, de ressurreição potencial da raça), devastado pelas doenças que há gerações o consumiam. “A Ressurreição” começa por descrever o Jeca e as condições de vida que o cercam:

³¹¹ Stepan, 2005, p. 14.

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé (...) passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejáuva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. (...)

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só (...).³¹²
(...)

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.³¹³
(...)

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cansassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.³¹⁴

(...)

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?³¹⁵

A conclusão que se tinha sobre o Jeca é então apresentada pelo eu poético do narrador, como opinião de terceiros: “Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam”.

³¹² Lobato, 1968, p. 329.

³¹³ Lobato, 1968, p. 330.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Idem.

Notadamente, esse Jeca, bricolagem das personagens apresentadas em *Urupês*, é apresentado de forma pretensamente objetiva por Lobato em uma narrativa em terceira pessoa, na qual aparecem elementos dos contos nos quais o autor havia forjado sua figura de homem do campo. A economia extrativista, o banquinho de três pernas, a espingardinha de carregar pela boca e o cachorrinho magro e cheio de bernes a acompanhar o dono bêbado reaparecem aqui para definir o Jeca e seu modo de vida. Apesar disso, não é o *meio* descrito que é simultaneamente causa e consequência da desgraça do caboclo, como acontece nos contos de *Urupês*. Em vez disso, o “problema vital” que determina a condição do Jeca é causado pelas infecções e impaludismos.

Seguindo esse raciocínio, a guinada na saúde e na produtividade do caboclo se dá por meio da interferência médica e da descoberta (que para Monteiro Lobato deveria ser a descoberta nacional, o despertar dos homens letrados para o problema do Brasil) de que o Jeca é, antes de tudo, um doente. Até que:

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo.

– Amigo Jeca, o que você tem é doença.

– Pode ser. Sinto uma cansaça sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.

– Isso mesmo. Você sofre de anquilostomíase (...).³¹⁶

Uma vez diagnosticado o mal que afligia o Jeca, o doutor, membro individual do corpo coletivo dos sanitaristas, receita o remédio e a técnica que livraram o pobre homem da miséria.

O doutor receitou-se o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”.

(...)

³¹⁶ Lobato, 1968, p. 331-332.

Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano.³¹⁷

E, então, o Jeca curado faz uso das técnicas da “Nhá Ciência” para se manter saudável, produtivo e empreendedor.

Quando o doutor reapareceu, Jeca estava bem melhor, graças ao remédio tomado. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas.

_ Veja, sêo Jeca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais anquilostomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos.³¹⁸

(...)

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era “positivo” e dos tais que “só vendo”. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

_ Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

_ Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos assombrado.

_ E não é que é mesmo? Quem “haverá” de dizer!...

_ Pois é isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que a ciência disser.

_ Nunca mais! Daqui por diante Nhá Ciência está dizendo e Jeca está jurando em cima! T’esconjuro! E pinga, então, nem p’ra remédio...³¹⁹

Salvo de todos os males, mas destituído da complexidade das condições socioeconômicas que o constituem, o caipira é reduzido à situação de doente, definitivamente salvo pela técnica médica e higienista. Ao deixar de duvidar da ciência, e começar a se medicar e tomar medidas profiláticas, tal como o uso de botinas, o Jeca ressurgiu,

³¹⁷ Lobato, 1968, p. 332.

³¹⁸ Lobato, 1968, p. 333.

³¹⁹ Lobato, 1968, p. 333-334.

como que renascendo de suas próprias cinzas, na forma de um novo ser social capaz de proezas até então inimagináveis.

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor. (...) Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de três alqueires (...) consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves.³²⁰

Ironicamente reabilitado pela ação sanitarista, o Jeca tem agora as virtudes físicas e morais que Lobato acusara possuir o caboclo descrito pelos escritores românticos. Em uma prova de força, como que por um capricho do destino, à maneira de Peri, de José de Alencar, Jeca acabou por matar uma onça com suas mãos desnudas:

Jeca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.

_ Onça! Exclamou ele. É onça e eu aqui sem nem uma faca!

...

Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-se tamanho murro na cara, que a bicha rolou no chão, tonta. Jeca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a.

_ Conheceu, papuda? Você pensa então que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei remédio do bom e uso botina ringideira...³²¹

Uma vez livre das doenças que o consumiam pelos medicamentos e pelas técnicas de higiene, o Jeca acaba por fazer mais do que matar uma onça à unha: transmuta-se em dedicado trabalhador e, por fim, em empreendedor e empresário capitalista.

Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra (...).

³²⁰ Lobato, 1968, p. 334.

³²¹ Lobato, 1968, p. 333.

E Jeca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

– Mas para que tanta roça, homem? Ele respondia:

– É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel.³²²

(...)

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo da transformação do seu doente.

Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.

Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando contentes como passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora!

– Isso também é demais, sêo Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

– Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles aparecem por aqui, vêem isso e não se esquecem mais da história.³²³

O Jeca se norte-americaniza em um processo pelo qual as complexidades culturais, históricas e econômicas das civilizações norte-americana e brasileira são reduzidas a estereótipos, que, em última instância, são determinados por causas biológicas, de forma que o homem biologicamente saudável, livre dos elementos patógenos, transforma-se, naturalmente, no homem economicamente “fordista”:

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos (...). Jeca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto,

³²² Lobato, 1968, p. 336.

³²³ Lobato, 1968, p. 336-337.

num instantinho, buzinando pela estrada afora, fon-fon! fon-fon!

As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.³²⁴

(...)

A fazenda do Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão, e um repuxo de milho atraía todo o galinhamo...

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores lá longe.

Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio.

— Quero aqui desta varanda ver tudo que se passa em minha fazenda.

E tanto fez, que viu. Jeca instalou os aparelhos e assim pode, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio do telescópio, o que os camaradas estavam fazendo.³²⁵

O ápice dessa peça de propaganda se dá quando, no parágrafo XVII, já rico e estabelecido, o Jeca retribui o bem que lhe foi feito pela “Nhá Medicina”, montando “Postos de Maleita” e “Postos de Anquilostomose” na fazenda e nas vilas. Dessa forma, enfatiza claramente que a campanha sanitária é a maneira verdadeiramente patriótica de se salvar o Brasil, assim como destaca o dever do cidadão de contribuir para essa campanha. Fica clara, nesse ponto, a submissão do campo literário e do autor ao polo dominante das políticas públicas sanitárias, das quais era quase um porta-voz, conforme anteriormente afirmado³²⁶.

³²⁴ Lobato, 1968, p. 337.

³²⁵ Lobato, 1968, p. 338-339.

³²⁶ Lobato, 1968, p. 339-340.

4. Para reflexão

É importante ressaltar que a afinidade existente entre Lobato e os sanitaristas parece originada na mesma visão que esses tinham da condição do homem do campo e do Sertão: a imagem do caipira abandonado pelo Estado e incapaz de produzir. É o que afirmam autores que estudam diretamente a história do sanitarismo no Brasil, como Hochman & Lima (2012):

Os médicos Belisário Penna e Arthur Neiva ressaltam o contraste entre a retórica romântica sobre o caboclo e o sertanejo e o que observam e relatam. A descrição real era de um povo ignorante, abandonado, isolado, com instrumentos primitivos de trabalho, desconhecendo o uso da moeda, tradicionalista e refratário ao progresso. Esse quadro de isolamento era responsável pela ausência de qualquer sentimento de identidade nacional. Um povo que desconhecia qualquer símbolo ou referência nacional, ou melhor, “a única bandeira que conhecem é a do divino”.³²⁷

Monteiro Lobato considera como causa da degenerescência do caboclo a falta de saúde do caboclo, não a raça ou a mestiçagem. Além disso, as propostas oferecidas pelo autor para o problema vital do Brasil estão sempre ligadas a práticas médicas preventivas, nunca a práticas de eugenia negativa, como esterilização ou proibição de casamentos. Sendo assim, o que marca definitivamente os escritos que compõem *Problema vital* é a monotemática, quase mecanicista, da questão higienista.

³²⁷ Hochman & Lima (Hochman & Armus, 2012, p. 500).